

O BURRO

DEMÓCRITO DE CASTRO E SILVA

Ao ingressar neste Clube, tive a oportunidade de traçar um breve perfil do símbolo que escuda a nossa Associação — o BURRO.

E hoje volto ao assunto para tecer comentários sobre os muares, notadamente do Nordeste.

Lá, em nossa região, estão sendo dizimados, — pela ganância e a maldade de alguns — esses muares, tão úteis e necessários à vida daquela gente obreira, laboriosa e humilde.

— É que estão transformando esses asnos indefesos em carne enlatada para exportação.

Estão matando em grande escala esses malsinados animais, para, despedaçados, serem vendidos aos matadouros do mundo.

A família asinina está sendo destruída e corre perigo de sua total extinção, caso continue a matança indiscriminada do maior auxiliar da economia do homem nordestino.

Esse Nordeste ignorado, mas que é responsável por quase 90% do petróleo brasileiro, 98% do gás natural, 98,7% da magnesita, 90% da bentonita paraibana, afora o tungstênio, zinco, urânio, cobre, esse Nordeste assiste agora o desaparecer do jumento, considerado no folclore nordestino, como "relógio de pobre", "guia de cego", e como bem disse o padre cearense, o outro Antonio Vieira, "o Jégué é o Amazonas e o São Francisco do Nordeste — ele é transporte, água, estrada e vida".

Olavo Bilac escreveu uma página bellíssima sobre o burro, e, citando Buffon, disse que o burro "é humilde e paciente, suporta com coragem os castigos, alimenta-se sobretudo de ervas e quando tem sede só bebe água límpida em fonte que já conhece; não se espoja como o cavalo rebolecando-se na lama e até chega a ter medo de molhar os pés e cuidadosamente evita as poças de água".

E Bilac afirmou ainda que ele, o burro, "só fica teimoso e mau quando o sofrimento lhe mostra, depois de muitas privações, que os homens são realmente máus".

E Bilac continua a conjecturar que "... como todos os cobardes são máus as tuas pobres virilhas sangram, esporadas de minuto a minuto e o teu pobre pescoço perde o pêlo, à força de receber chibatadas. Depois metem-te entre os varais de uma carroça e matam-te a pancadas".

E finaliza, profeticamente, Bilac afirmando que "... haverá quem mate burro, porque haverá burros que mais valham mortos que vivos".

— Sendo esse o nosso emblema, achei por bem trazer ao conhecimento desta Casa o que está ocorrendo de delapidador, para, quem sabe, seja possível iniciarmos uma campanha pela preservação da espécie.

No Brasil e em toda a América, não havia cavalos, burros ou jumentos à época do descobrimento. Foram os colonizadores portugueses os primeiros a introduzir eqüinos e asininos em São Paulo, em 1534.

Um ano mais tarde franceses trouxeram burros e cavalos para a Bahia.

Os acasalamentos e cruzamentos não dirigidos deram em resultados um híbrido, o muar, ou mula ou jégué, denominação apropriada a cada região brasileira.

— Se os árias criaram e domesticaram os cavalos e os árabes o fizeram com os burros do norte da África, foi o brasileiro, notadamente o nordestino, cruzando o burro com a égua, que gerou esse tipo regional — o jumento, o jégué, que é tipicamente nosso.

— Já existem matadouros funcionando clandestina ou oficialmente, para o consumo dessa carne, que se exporta para o Japão, Holanda, Inglaterra, Bélgica, Portugal, Suíça, Estados Unidos, Paquistão, Suécia em média de umas 40 toneladas, num abate indiscriminado, antizootécnico, em ritmo acelerado e superior à capacidade de crescimento ou, pelo menos, de estabilização dos rebanhos.

Abatem-se fêmeas de eqüinos e mua-

res, destroçando-se as matrizes e extinguindo-se, dessa forma, apressadamente, o elemento reprodutor.

As estatísticas denunciam o decréscimo dos rebanhos de ano a ano, o que, daqui a um lustro talvez o jumento se torne elemento de folclore, como o carro de boi, a jangada praeira ou a lamparina de azeite.

O jumento, que é o transporte barato e eficiente do nordestino, está ameaçado de desaparecer, pela voracidade de muitos e a inércia de nossas autoridades administrativas, preocupadas somente, hoje, com a exportação de qualquer cousa, que crie divisas e aumento o *superávit* da balança desequilibrada das finanças tupiniquins.

— Se trago ao conhecimento desta Casa este assunto, repito, é porque elegendo o BURRO como símbolo de nossa Instituição, o fizemos com o interesse de preservá-lo e defendê-lo, maximé agora que se acha ameaçado de sobreviver e enlatado querem mandá-lo de volta às terras de origem ou às pragagens de onde veio.

O ESTADO DO ACRE

(Continuação da página 3)

tigo 9.º) mostrou diretamente o Acre, acenando-lhe com a possibilidade de elevar-se à categoria de Estado quando suas rendas se tornassem iguais as do Estado que menor renda tivesse, e no caso seria o Estado do Piauí, critério esse que parecia pouco sensato.

Foi o deputado acreano JOSÉ GUIOMAR DOS SANTOS, antigo Governador do Território, quem obteve sufrágio para o seu Projeto convertido em Lei, a de n.º 4.070, de 15 de julho de 1962, elevando o Acre a Estado, independentemente de fatores numéricos comparativos com outro Estado.

Lembramos com oportunidade aquela quadra poética de um revolucionário idealista, um médico e escritor chamado FRANCISCO MANGABEIRA, que em pleno acampamento de um seringal acreano em outubro de 1903 fez seu cadenciado Hino dedicado ao Acre valoroso e guerreiro que assim começa:

— *Que este Sol a brilhar soberano
Sob as matas que o vêm com amor,
Encha o peito de todo acreano
De nobreza constância e valor!*

e termina:

*Mas se audaz estrangeiro algum dia
Nossos brios de novo ofender,
Lutaremos com a mesma energia
Sem recuar, sem cair, em tremer*

*E ergueremos então destas zonas
Tal brado vibrante e viril,
Que será como a voz do Amazonas,
Ecoando por todo o Brasil!*

Se por um lado, o Acre é um vazio demográfico em meio a extraordinário

potencial de riquezas apenas superficialmente avaliadas, por outro lado, a sua proximidade com o Pacífico, lhe confere a destinação lógica de funcionar como o natural corredor em dois sentidos e o coloca praticamente junto aos grandes mercados mundiais em expansão, passando o seu "isolamento" de hoje, a constituir uma extraordinária vantagem na cumpção com outras regiões.

Quanto à exportação interna a ligação Brasília — Acre contribuiu grandemente para transferir a dependência acreana dos mercados tradicionais de Manaus e Belém, para os de São Paulo, Rio de Janeiro e outros Estados.

O nosso Estado de São Paulo tem mantido estreito intercâmbio cultural com o Acre.

Lá chegaram para os seus concertos e aulas que ficarão para sempre gravados no intercâmbio São Paulo — Acre, vários recitalistas paulistas de renome internacional como a cantora MARILIA SIEGL, no fim do ano passado a pianista EUDOXIA DE BARROS e o musicista e compositor OSWALDO LACERDA e muitos outros.

Outrossim, tem havido também intercâmbio de interesse profissionais liberais, como os trabalhos desenvolvidos pela Dra. CARVALHO VAZ, aqui presente, e que nos trouxe de lá, inclusive, valiosa contribuição, com depoimentos notáveis dos arquivos públicos do Alto Purús sobre os primórdios do Estado e os problemas difíceis das confrontações que o Brasil teve de se haver com a Bolívia e o Peru. Doutora Carvalho Vaz nos fala sobre a sua incursão no longínquo rincão da nossa Pátria, principalmente sobre os curiosos aspectos físicos do sofrido Estado que hoje homenageamos.